

***Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX***

*Saber ancestral de las mujeres negras en la segunda mitad del siglo XIX*

Adriane Santana Lima  
Debora Teixeira  
**Universidade Federal do Pará (UFPA)**  
Belém-Brasil

**Resumo**

Trata-se de um artigo situado no campo teórico-metodológico da história cultural, da história da educação e, também, nos debates das pedagogias decoloniais feministas, pois nos desafia a pensar, inicialmente, sobre os saberes que estão circunscritos nas resistências das mulheres negras, mesmo diante de uma realidade violenta e cruel imposta as pessoas negras neste período. Assim, torna-se fundamental pensar a educação, a pedagogia e a história por outras perspectivas que tenham pilares antirracistas, bem como produzir saberes capazes de atravessar a realidade de maneira interseccional. A importância da interseccionalidade nos coloca a transcendência de um conhecimento compartimentalizado, dualista e classificatório, apontando formas outras da cultura, da língua e das relações humanas.

Palavras-chave: Saberes Ancestrais; Mulheres Negras; Século XIX.

**Resumen**

Este es un artículo ubicado en el campo teórico-metodológico de la historia cultural, la historia de la educación y, también, en los debates de las pedagogías decoloniales feministas, en tanto nos reta a pensar, inicialmente, en el conocimiento que se circunscribe en la resistencia de mujeres negras, incluso frente a una realidad violenta y cruel impuesta a los negros durante este período. Así, se vuelve imprescindible pensar la educación, la pedagogía y la historia desde otras perspectivas que tengan pilares antirracistas, así como producir conocimientos capaces de cruzar la realidad de manera interseccional. La importancia de la interseccionalidad nos presenta la trascendencia del conocimiento compartimentado, dualista y clasificatorio, apuntando a otras formas de cultura, lenguaje y relaciones humanas.

Palabras clave: Conocimiento Ancestral; Mujeres negras; Siglo XIX.

## **Introdução**

O artigo “Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX” de cunho epistemológico situado no campo da história das mulheres, especialmente, das mulheres negras escravizadas e, também, das pedagogias decoloniais feministas, tem como desafio teórico o debate sobre o conceito de saberes educativos no contexto histórico. Compreendemos que os saberes educativos acontecem numa dimensão mais ampla educacional, ou seja, para além dos espaços escolares institucionalizados. Entendendo a educação na dinâmica da vida cotidiana, na reflexão subjetiva e na prática do *quefazer* educativo (Freire, 1987).

Destacamos três dimensões que estruturam os saberes educativos das mulheres negras: 1- **A dor**, como uma dimensão de questionamento da exploração humana e da condição violenta imposta as mulheres negras; 2- **a vida**, como uma condição máxima de continuar a existir dentro de uma cultura coletiva e de resistência; 3- **prática cotidiana**, como a materialidade dos saberes e da continuidade do reexistir.

Neste sentido, provocamos o questionamento à centralidade e a hierarquia do conhecimento moderno que se propõe, hoje, uma ciência descentralizada, um pensamento que possa compreender e dialogar com as mais variadas formas de cultura e saberes, sem eleger culturas e/ou populações e/ou saberes superiores e inferiores, mas que possa compreender as diferentes maneiras de atribuir sentidos e significados ao mundo. E é por meio da cultura que melhor podemos perceber uma mudança geral e significativa nas condições da nossa vida em comum (Williams, 2011), ou seja, a cultura modifica e institui formas outras de vida no âmbito particular e geral da vida cotidiana.

O autor é atento a peculiaridade do conceito de cultura, percebida não como epifenômeno ou experiência secundária em face das relações econômicas, mas como uma dimensão interdependente da vida cotidiana e das pessoas comuns, apresenta-nos a noção de estrutura de sentimento (Ribeiro-Miglievich, 2015). É importante despir-se das posturas conservadoras e continuar o movimento da criação de histórias diferenciadas, em especial, em relação às mulheres negras e a sua participação na história da humanidade.

É diante da negação, da exclusão e do silenciamento histórico e epistemológico imposto às mulheres, e aqui destacamos as mulheres negras, que este texto se propõe a ouvir e, com outro olhar, ver e contribuir com os estudos feministas interseccionais, questionando a dominação masculina no campo epistemológico, histórico, social e educacional.

Não estamos nos dispondo apenas estudar ou reviver um simples passado, mas de reescrever a história por meio das experiências de mulheres. Neste estudo, a atenção centra-se nas mulheres negras do Sul global, especialmente no Brasil, interpretando seus silêncios e aquilo que enfrentaram duramente na cultura imposta pelo colonizador, como uma forma de questionar a centralidade do discurso falocêntrico, branco e eurocêntrico, assumindo a identidade de mulher amefricana<sup>i</sup> como sujeito social, cultural e produtor do conhecimento. É o desafio de tornar evidente que apesar da história oficial, existem outras histórias, outras visões e leituras sobre os mesmos acontecimentos. E, dessa forma, acreditamos que seria uma limitação eleger uma única voz, uma única estrutura histórica e uma única leitura

No Brasil a escravização foi uma realidade dura e que estruturou as violências raciais e de gênero, hierarquizando/ classificando pessoas, raças, saberes, vidas e culturas, subalternizando as pessoas negras sequestrados da África. É possível afirmar que a escravização foi uma das feridas mais letais que o sistema de acumulação de riquezas já produziu, pois suas consequências ainda são sentidas nos tempos atuais. De outra forma, é possível, também, nos desafiar a pensar e a entender que esse processo violento produzido durante a escravização houve resistência, reinvenção e ressignificação de saberes, de vidas e culturas e que estão na base da formação da sociedade brasileira, contrapondo-se ao discurso moderno/colonial. Segundo a autora Beatriz Nascimento (2021) em seu livro “Uma História Escrita por Mãos Negras”:

Da maneira como estava estruturada essa sociedade na época colonial, ela se estabeleceu de maneira extremamente hierarquizada, podendo-se conceituar como uma sociedade de castas, na qual os diversos grupos desempenhavam papéis rigidamente diferenciados. (Nascimento, 2021, p. 43)

Posto isso, é fundamental perguntar: **qual o lugar da mulher negra na sociedade de hoje? Como é considerada? Seus saberes e aprendizagens estruturam a educação desse país?**; Essas indagações e manifestações de resistência são as respostas que norteiam nosso entendimento sobre o racismo existente em múltiplas maneiras da sociedade e, também, do sexismo que atravessa a vida das mulheres negras remetendo as feridas e traumas deixadas pelo sistema escravocrata, modelo esse que foi tomando outras características durante o século XVIII, sucedendo o movimento iluminista com ideologia liberal, individualista e racionalista. Sob esse viés, a mentalidade do colonizador, do homem branco dito “civilizado” utilizou seu *status* de poder para estabelecer um padrão dominador no meio cultural, religioso

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

e linguístico, também propondo uma visão dualista na classificação dos seres humanos entre *civilizado* e *selvagem*, povos que não estivessem no padrão ocidental em um dado momento passaria pelo estado evolutivo. (Almeida, 2018.)<sup>ii</sup>

Durante a chegada dos portugueses na América, no século XVI, iniciou-se um longo processo de genocídio aos povos originários e, logo em seguida, com a expansão comercial mercantilista foi trazido como mão de obra escrava homens e mulheres do continente africano; conseqüentemente, desenrolou-se toda uma didática que tinha a intenção de embranquecer esses povos vistos como “selvagens” e violar seus corpos e suas múltiplas manifestações culturais oriunda de seus ancestrais levando ao etnocídio.

Se o termo genocídio remete à ideia de "raça" e à vontade de extermínio de uma minoria racial, o termo etnocídio aponta não para a destruição física dos homens (caso em que se permaneceria na situação genocida), mas para a destruição de sua cultura. O etnocídio, portanto, é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição. (Clastres, 1980, p.56)

Diante de tantos atos de violências, a mulher negra, estando na base da sociedade, sempre sofreu duplamente com o sexismo e o racismo. Segundo a teórica (Kilomba, 2019)<sup>iii</sup> essas ideologias com categorias divergentes interligam-se e criam uma forma sistemática de opressão às mulheres negras. Essas violências se expressaram de maneira física, psíquica e no meio epistemológico, buscando ofuscar e excluir as mulheres negras dos demais setores que pudessem manifestar suas outras capacidades.

Entendemos que é necessário exercermos o ato de ruptura/atravessamento, que mesmo sendo um grande desafio, mas é, também, um doloroso ato de liberdade, que envolve uma tomada de consciência, uma reflexão sobre o mundo e nossa participação nele. É diante da exclusão e do silenciamento histórico e epistemológico imposto às mulheres negras e às identidades femininas, que este texto contribui para da pedagogia decolonial feministas e para o feminismo das diferenças, questionando a dominação masculina no campo epistemológico, social, cultural e educacional.

No campo teórico-metodológico que a interseccionalidade nos ajuda a ler o *corpus* dessa pesquisa, na compreensão da complexidade e de transformação de uma dada postura histórica, que consiste em ressignificar a presença das mulheres negras do século XIX em fazedoras de saberes estruturantes na sociedade brasileira, práxis sociais (Collins, 2019). Neste sentido que, a interseccionalidade exercendo um papel de uma tecedeira, é capaz de analisar as múltiplas opressões que incidem nos corpos femininos negros.

Desta forma, o desafio de pensar uma epistemologia outra a partir da qual se torne compreensível o pensamento de mulheres negras significa superar, também, o racionalismo que caracteriza a ciência moderna. A razão não está, de forma alguma, apartada das emoções e dos desejos inscritos nos corpos dos homens e das mulheres. O entrelaçamento entre pensamento e emoção parece estar ainda mais evidente nas escritas e nas práticas íntimas das mulheres, daí que os seus escritos recorram frequentemente as metáforas literárias capazes de traduzir um universo de sentidos que não é possível, somente, de ser captado por uma epistemologia encerrada em uma razão instrumental.

### **Saberes educativos ancestrais: mulheres negras no centro da nossa educação**

Aqui defendemos o saber como cultura e prática educativa, que revela o sentido da vida social, que tem suas raízes fincado na sabedoria ancestral, com os seguintes pilares: 1- a vida como centralidade; 2- a coragem ao enfrentar os abusos do sistema escravocrata; 3- a memória político-afetiva como base fundante de sua ancestralidade.

Com base nesses pilares dos saberes ancestrais que se contrapõem aos valores ideológicos presentes nos modelos educacionais tradicionais conservadora. Na educação tradicional dirigida às classes populares, a ideologia está presente para reforçar um sentimento de conformismo e adaptação social, por meio de conteúdos estáticos referidos a uma pseudo-realidade dita como estática, neutra, equilibrada. Uma educação que sufoca os saberes ancestrais, a cultura das comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, povos das florestas, ribeirinhos e tantas outras), que na denúncia enfatiza o caráter ideologizante deste modelo educativo conservador, sendo urgente a ruptura com esse modelo opressor.

A prática educativa que prioriza a diversidade e a ação conscientizadora visa uma cultura politizada, conjunto de referências simbólicas de questionamento da realidade social, uma vez que cultura se configura como o “mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmo, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis” (Brandão, 2002, p.24).

Nesta dinâmica do saber como cultura ancestral, o ser humano é o principal sujeito educacional, cabe a ele a vontade de querer saber mais e a consciência de que não sabe de tudo, mas que revela a coragem de buscar o que não sabe em defesa da vida. O ser humano é um ser particular e social, e é esta condição que nos permite a criação da humanidade,

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

descobrimo-nos humanos, no que se conclui que há uma natureza na essência humana que não pode ser desconsiderada, pois é uma especificidade central do ser, a capacidade da criação.

O sentido que Castoriadis (1992) atribui à criação não é de indeterminação, mesmo que pressupondo uma certa indeterminação no seu conjunto. No entanto, para o autor:

A criação é aquilo que é não é jamais tal que exclua o surgimento de novas formas e de novas determinações. Em outras palavras, o que é não é jamais fechado é aberto. O que é aberto, ou o que é, é sempre, também, a ser.(...) São criações de formas, um conjunto de determinações, de leis, um conjunto de possíveis e impossíveis que são definidos a partir do momento em que a forma é colocada. Trata-se da posição de novas determinações, de determinações outras, que não podem ser produzidas a partir daquilo que está aí, nem deduzido a partir do que aí estava. (Castoriadis, 1992, p. 88).

A criação é a capacidade humana de fazer surgir o que já estava dado e o que não pode derivar do que já era dado. Esta capacidade nos elucida os sentidos da criação imaginária, pois para o autor a imaginação não é a capacidade de combinar elementos, mas de colocar uma nova forma, mesmo utilizando os elementos que aí estavam, mas a forma, enquanto tal, é nova.

É através da imaginação que criamos o mundo, é com ela que falamos das coisas e que sabemos outras coisas, sem o processo de criação imaginária não nos seria possível nos saber humanos e, muito menos, transformar o já criado numa construção histórica da sociedade. Neste ponto, o autor afirma que o ser humano é a sociedade, somos na e pela a sociedade na instituição das significações imaginárias sociais. Acontecendo no cenário da história que não apresenta um presente fixo, a constituição do presente se dá pelo passado e por um futuro que o antecipa, trata-se de um presente histórico (Castoriadis, 1992). Com esse entendimento de uma sociedade histórica e cultural que há a possibilidade da criação da reflexão, de novas ideias e novos saberes que revelam homens e mulheres como seres instituintes, autônomos e participantes da sociedade.

A criação dessa realidade que relaciona a experiência do sujeito com o socialmente estabelecido, não podendo ser homogênea. A realidade se constitui de formas diferenciadas, com planos de realizações distintas e com interpretações sociais das mais diversas possíveis. Por isso que a institucionalização de saberes está ligada às formas que o sujeito e/ou grupo social o interpretam e legitimam como o meio de expressar a sua existência.

El saber expresa lo que socialmente un grupo o sociedad institucionaliza como real (...). El saber interpreta y organiza la experiencia de los sujetos y permite, a la vez, el reconocimiento colectivo de una misma noción de realidad. Pero la relación y experiencias que los sujetos tienen con lo socialmente establecido como realidad no es homogéneo. Hay realidades distintas, experiencias de significación diferentes, planos de la realidad casi opuestos y el paso de un tipo a otro no deja de estar sometido a complicados sistemas de control e de interpretación social (Martinic, 1994, p. 71-2).

Para Martinic (1994), a instituição do saber ganha posição de destaque na dimensão das realidades mais populares e que apresenta como um de seus pilares a sabedoria que emerge na memória ancestral (dos que vieram antes de nós), por compreendê-lo tão necessário quanto os outros saberes, na medida em que qualquer saber, para ele, expressa uma visão socialmente instituída e aceita como real, o que traz para reflexão a crítica ao autoritarismo epistemológico da ciência modernidade/ colonialidade e da escola tradicional, relacionando-se ao fundamento epistemológico da resistência e da interação entre saberes.

Os saberes das mulheres negras que trazemos neste artigo é uma experiência fincada na luta pela sobrevivência, estruturado na memória de seus ancestrais, sendo a vida seu objetivo central e a coragem sua mais forte aliada no enfrentamento às violências e autoritarismo comum no século XIX. Saberes que se constituem como formas de vida e garantia de continuidade a seus descendentes, por isso a prática educativa comunitária é uma estratégia necessária para as mulheres negras. Denominamos de saberes ancestrais porque carregam a memória de muitas mulheres que vieram antes, das mais velhas, das pretas velhas e de nossas mães pretas que se fazem presentes na dimensão inconsciente e/ou consciente quando se trata da garantia da vida das mulheres negras, por isso que estão presente na nossa memória afetiva, a raiva/indignação como uma coragem que emerge de nossas ancestrais. Assim, apresentamos alguns saberes que influenciam práticas educativas outras:

### **Saberes educativas das Mulheres Negras no Trabalho Doméstico**

Com o sistema de escravização e a chegada de navios negreiros, a venda das mulheres negras era vista como algo muito lucrativo, pois elas ocupavam diversas áreas do trabalho, entre elas, a do setor privado – na casa dos senhores (González. 2018)<sup>iv</sup>. O trabalho doméstico foi categorizado como trabalho feminino, vinculado aos cuidados da casa, dos filhos dos homens brancos e da produção da alimentação dos moradores da casa grande; caso a escravizada não desse conta dos serviços atribuídos, ela sofria grandes retaliações e era espancada, muitas das vezes o espancamento levava a morte – essa prática é mais uma forma

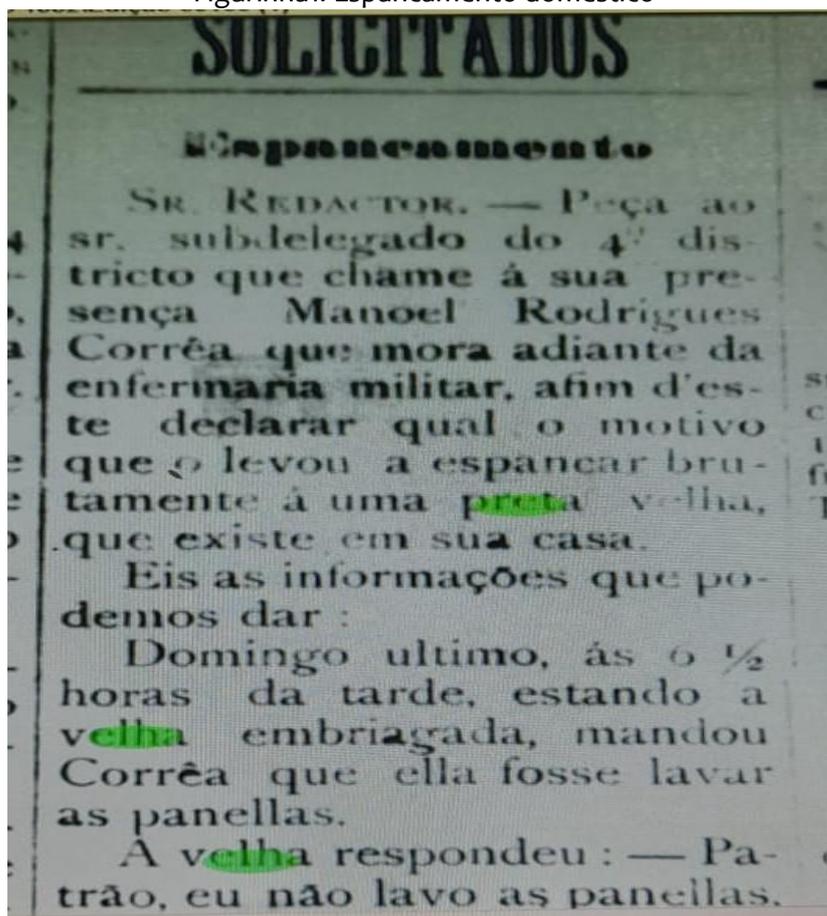
### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

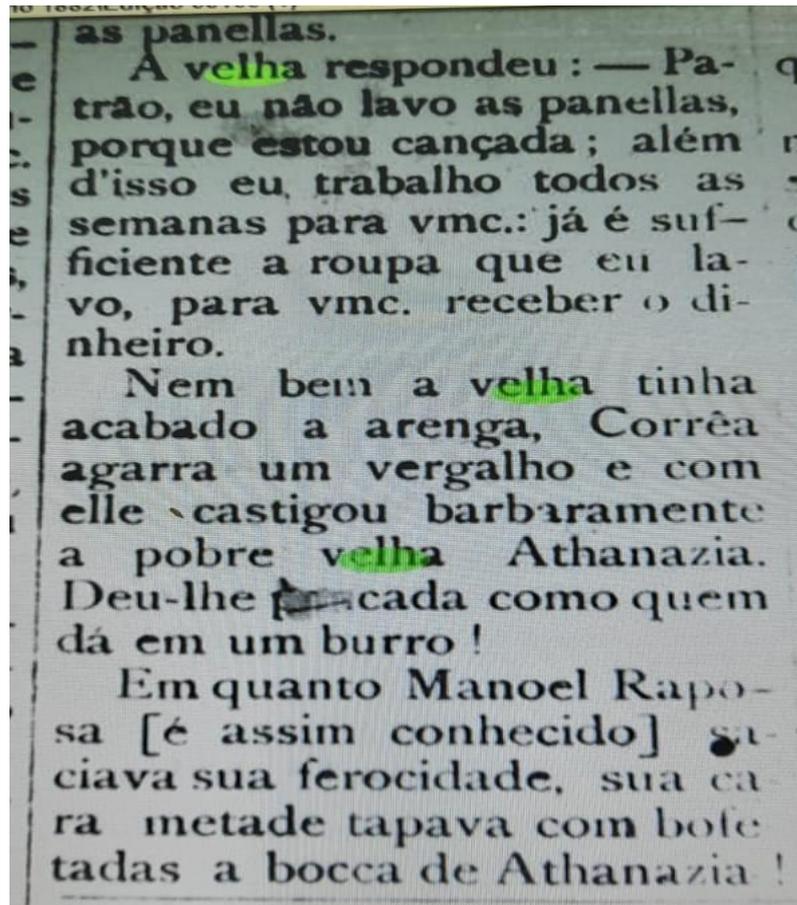
de ver o corpo da mulher como objeto – reproduzida através da mentalidade de dominação, estabelecendo regras e impondo autoridade a um corpo que estava em constante movimento e confronto com os regimentos determinados; corpo esse que reafirma sua identidade através da negação dessas situações impostas.

Em suma, um corpo que fala. Em outras palavras, é esse corpo que, estigmatizado pelo racismo, será a marca da discriminação, exposto aos castigos e aos trabalhos forçados e a toda forma de exploração. Por outro lado, esse mesmo corpo virá a ser instrumento de afirmação de identidades, no embate com os opressores num processo de tomada de consciência; também é esse mesmo corpo que poderá ser objeto de repulsa, num processo de autonegação. (Amador. 2019, p.125)

Em vista disso, o noticiário de um jornal descreve a ocorrência da violência sofrida por uma mulher negra com o nome Athanazia, que foi coagida pelo seu patrão Manoel Raposa. As atitudes foram tomadas quando a moça se negou em continuar nos afazeres doméstico, visto que trabalhava de domingo a domingo e estava sem forças para dar continuidade nas tarefas, conforme a imagem abaixo:

Figurinha1: Espancamento doméstico





Diário de Notícias. 1882

Nas figuras apresentadas é perceptível a maneira de como a Athanazia era subjugada e tinha uma longa jornada de trabalho (exploração doméstica), que colocava sobre ela um fardo tão grande e pesado que a fez desistir das demais atividades. Para Hooks (1991, p.54)<sup>v</sup>:

No estado de dominação feminina, o trabalho doméstico é considerado degradante para a mulher, assim como é considerado abaixo da dignidade do homem numa sociedade de dominação masculina. As mulheres negras realizam a maior parte do trabalho doméstico nas suas próprias casas e nas casas dos outros.

Essa forma de trabalho exploratório foi ganhando outros moldes com as demais fases do capitalismo, em que algumas categorias de trabalho foram conquistando o direito ao salário e entre outros benefícios com a Consolidação das Leis Trabalhistas, já no século XX, na era Vargas. Mas a categoria das empregadas domésticas continuava invisibilizada e sem respaldo do Estado. Em 1936, nasce a Associação de Trabalhadoras Domésticas do Brasil fundada pela ativista Laudelina de Campos Melo<sup>vi</sup>. Com o passar dos anos e de muitas resistências, em 2013, foi sancionada a Proposta de uma Emenda Constitucional que aprimorou as leis e assegurou direitos. Segundo Beatriz Nascimento (2021) “Se a mulher

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, isso se deve tanto ao fato de ela ser uma mulher de raça negra quanto a terem sido escravos seus antepassados.”

A resistência nesses espaços privados, de grandes embates com a branquitude têm sido constantemente exercidos pelas mulheres negras, ato esse que depende de uma rede de vínculo que visa enfrentar e questionar essa hierarquização existente no mercado de trabalho, garantindo uma força de resistência e sobrevivência dessas mulheres. Além, de algumas terem acesso as informações que ajudavam na proteção e fortalecimento dos quilombos.

Era comum os homens brancos utilizarem outros métodos também de punição, uma delas era tapar a boca da escrava com um adereço de ferro, com a função de calar, silenciar e intimidar a vítima. Silenciamento estabelecido pelo medo que o dono da escrava tinha de ouvir já que, caso não houvesse a utilização do objeto, seria possível a denúncia, a revolta, a intimidação, o afrontamento do corpo que estava sob constante opressão – o corpo da mulher negra. (Kilomba. 2019).

A sabedoria que emerge do trabalho doméstico apresenta-se em duas importantes dimensões: 1- a coragem em denunciar os abusos e exploração doméstica que as mulheres negras sofriam, coragem que muitas vezes custava sua vida, mas para algumas a morte era o próprio grito de libertação daquela realidade violenta; 2- circular pela casa grande favorecia as mulheres negras acesso às informações, que ajudavam na proteção e defesa dos quilombos, o que fazia delas uma grande aliada na defesa da vida da população negra neste período. O trabalho doméstico se convertia numa grande vivência educativa de sabedoria das mulheres negras, pois aprendiam a lidar com os homens brancos a ponto de saber suas fragilidades e intimidades.

#### **Saber ancestral que emerge da Ama de leite e da maternidade**

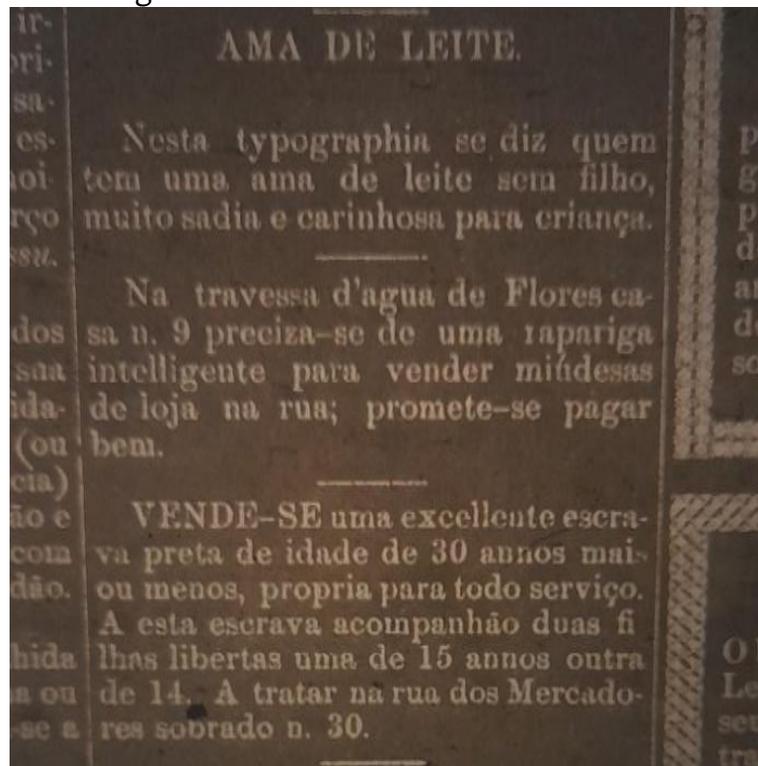
As amas de leite eram as mulheres negras que amamentavam os filhos dos senhores, essas mulheres tinham dado à luz aos seus filhos recentemente e eram vendidas ou trocadas para que executassem a tarefa de amamentar, geralmente uma ação imposta, o filho de seus senhores. A função da ama de leite impactava e se entrelaçam com outras instâncias e vivências, que atravessavam suas subjetividades e entre elas envolvia a emoção, o psicológico, a violência corporal e as consequências desse deslocamento de sua família e de seu filho biológico, atingindo sua construção enquanto mulher preta. Todavia, a ação das

amas de leite impactou e influenciou culturalmente a formação da sociedade brasileira, pois é a partir delas que alguns contos, músicas e histórias africanas ocuparam e ocupam nossa sabedoria cotidiana.

O papel das amas negras no cuidar da criança e nas práticas culturais das crianças significou a disseminação dos saberes africanos na educação da criança brasileira. Além disso, de seu afeto com essas crianças, as amas de leite e as bás influenciaram o imaginário da criança dentro e fora da Casa Grande. Foi por intermédio das amas de leite que histórias africanas acrescentadas às portuguesas foram alteradas em algum aspecto. (Alves. 2013. p. 1062).

Porém, as amas de leite também foram objetos lucrativos para os homens brancos, bem como do poder sobre os corpos negros femininos, forte reflexo do patriarcado ainda hoje. Sob essas circunstâncias, as mucamas estavam sob constante vigilância de seus senhores, devida a presença direta e permanente nos cômodos da casa, isso também fazia com que seus corpos fossem violados/estuprados gerando gravidez indesejada. Na imagem a seguir, coletada durante a pesquisa, essa prática é confirmada e vista como um acontecimento comum.

Figurinha 2: trabalho da ama de Leite



Fonte: Jornal do Pará. 1869

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

Essa prática pendurou até final do século XIX, dado que um dos pensadores como Gilberto Freyre (2003)<sup>vii</sup> publicou um livro chamado “Casa-Grande & Senzala” obra essa que repercutiu, propagava o mito da democracia racial e que as diferenças não eram vistas através de um olhar preconceituoso, visto que o negro e o branco estavam sempre interligados um ao outro e construíam relações que resultava na miscigenação racial, forma completamente enviesada de tentar embranquecer a sociedade brasileira.

[...]Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem.

[...]Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. A importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é na verdade considerada enorme pelos psicólogos modernos; e talvez tenha alguma razão Calhoun para supor esses efeitos de grande significação no caso de brancos criados por amas negras. (FREYRE. 2003. p. 366 e 367)

Quando se estabelece reflexões acerca das amas de leite, a noção sobre a maternidade das mulheres negras vincula-se com a estrutura de dominação que impossibilitava as mulheres de constituir suas famílias, visto que eram arrancadas a força de seus filhos biológicos – ruptura essa que sucedia um adoecimento e exaustão mental. Através dessa dor e raiva que surge a noção da mãe preta, o sujeito responsável pela socialização primária dos filhos dos homens brancos, essa mulher teria que cumprir o papel que não pode exercer com a sua cria, amamentaria, educaria e entre outras tarefas. (González. 2018. p. 39).

A maternidade sob uma visão ocidental segue um certo padrão, que corresponde a um casal hétero normativa e, quando a mulher tem o filho, apenas ela e o marido tem a guarda da criança compartilhada, os tios(a) ou avós sempre ocupam um espaço secundário – conhecido entre nós como sistema de parentesco descritivo-. Essa padronização impôs ao povo negro um conceito único do que seria a família e como deveria ser constituída. Em algumas comunidades do continente africano, como em Moçambique, não há essas classificações padronizadas, as famílias vivem juntas, são grandes e as crianças podem chamar suas tias de mãe e seus tios de pai. Essa construção estabelece um protagonismo central da maternidade e o respeito pelas mulheres que se tornam mães, estabelecendo uma maternidade comunitária, pois a criança é parte de toda a família em seu sentido mais amplo (Somé, 2019, p. 23 - 24)<sup>viii</sup>.

A “ama de leite” é facilmente encontrada nos jornais da época, século XIX, como bem foi demonstrado pelas figuras de anúncios, o que nos revela a comercialização de corpos negros e também o modelo das maternidades estabelecidas neste período. A ama de leite configura-se num saber e vivência dolorosas para as mulheres negras, ao serem deslocadas de uma casa para outra<sup>ix</sup> e, também, de serem arrancada de seus filhos recém nascidos. Esta prática nos revela duas dimensões de saberes educativos a partir da maternidade: 1- amamentação, no sentido de garantir a vida, para bebês que não são seus filhos, mas filhos dos senhores brancos; 2- amamentação comunitária, entre as mulheres negras, que acolhem os bebês negros órfãos de suas mães. A maternidade das mulheres negras escravizadas, aponta saberes comunitários e denunciam práticas individualista, onde se prioriza a criança branca por um lado e, no outro, a comunidade de mulheres negras amparam o bebê negro órfão.

### **Saber de re-existência às violências sob o corpo negro feminino**

A violência exercida sobre os corpos das mulheres negras é múltipla e não é algo de agora, mas sim uma projeção do sistema escravocrata que tem um olhar de objetificação e hipersexualização sobre o corpo da mulher negra, independentemente de como ela esteja ou de quaisquer espaços que ocupe. Esses lugares vão desde o acontecimento festivos, como o carnaval– período de celebração e de grandes desfiles das escolas de samba, em que, no decorrer da história, o corpo negro feminino está estigmatizado, neste determinado momento é visto como “belo” nas apresentações carnavalescas, sucedendo apenas uma imagem da mulher negra.

Essas análises são feitas de forma aprofundada no livro “Por um Feminismo Afro-Latino Americano”, de Lélia González<sup>x</sup>, que nos revela essas imagens construídas através do olhar do homem branco e disseminada pela mídia que propaga tais visões estabelecendo uma forte comunicação para a indústria cultural e mais uma vez o corpo negro é colocado à venda.

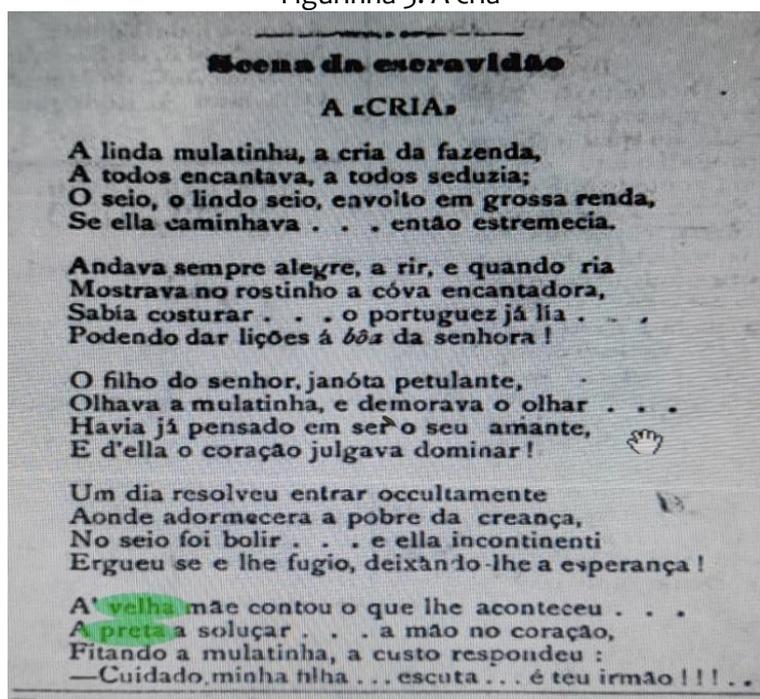
O mito que se trata de reencenar aqui é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/ fazendo pirraça/ fingindo inocente/ tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. (González. 2020, p. 71)

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

Para autora é fundamental refletir sobre as mulheres que estão nas avenidas desfilando, mulheres essas que ocupam os mesmos cargos ressaltados nas páginas anteriores: a empregada doméstica, a babá, amas de leites e/ou as cuidadoras; sempre exercendo o trabalho doméstico, porém no período do carnaval ocupa um outro patamar, tendo as mulheres negras um certo “protagonismo” e são “vistas” como objetos desejáveis. Essa postura não difere muito das práticas do século XIX, que também tinha no imaginário as mulheres negras como corpos desejáveis e hiperssexualizados, ao ponto de serem inúmeros os estupros sofridos pelas mulheres negras, consequências sentidas ainda hoje, quando os índices de violência doméstica e estupro são maiores quando se trata das mulheres negras (mapa da violência,2019).

No século XIX, era comum a descrição romantizada nos jornais dos corpos femininos negros, como poemas e cantigas. Isso salienta que as categorias estigmatizantes que classificam a mulher negra é algo que se estruturou no sistema patriarcal racista e liberal. A imagem a seguir comprova os acontecimentos e a normalização que perdura até hoje:

Figurinha 3: A cria



Fonte: Diário de Notícias. 1884

A figura representa a maneira que as mulheres negras eram vistas cotidianamente, sempre sendo enfatizadas pelas formas de seus corpos e sendo descritas sobre uma concepção carregada de preconceitos. Essa maneira de enxergar o outro é uma construção cultivada através dos saberes educativos e das ideologias que são repassadas a nós enquanto

indivíduo. Desse modo, as mulheres negras que trabalhavam nas casas dos senhores, seja como trabalho doméstico ou seja como ama de leite, eram diariamente alvos de toda forma de violência – do espancamento ao estupro-. “Além de lidar com essas violências, elas eram obrigadas a engravidar e a criar filhos frutos de violência sexual. Mesmo no pós-abolição, a violência sexual não cessou, e elas tiveram de continuar engravidando e criando esses filhos.” (Amoras; Costa; Arújo, 2022. p. 08)<sup>xi</sup>

Uma das formas de lucrar ainda mais com o sistema de escravização era utilizar o corpo da mulher negra como uma máquina de procriação de crianças negras que seriam escravizados, visto que era necessário cada vez mais mão de obra escrava para produzir bens de consumo, concentrar o acúmulo do capital e o monopólio econômico na mão da elite branca. A feminista Silvia Federici<sup>xii</sup> (2019) vai questionar e problematizar a acumulação do capitalismo e seus impactos na vida das mulheres, que sucedia na dominação dos corpos e na tentativa de domesticar suas condutas.

[...]Nesse sentido, o destino das mulheres na Europa Ocidental, no período de acumulação primitiva, foi similar ao das negras nas plantations coloniais americanas, que, especialmente depois do fim do tráfico de escravos, em 1807, foram forçadas por seus senhores a se tornar criadoras de novos trabalhadores.

[...]Nesse aspecto, a condição de mulher escrava revela de uma forma mais explícita a verdade e a lógica da acumulação capitalista. Mas, apesar das diferenças, em ambos os casos o corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres. (Federici, 2019, p. 178)

Sob essa perspectiva lucrativa e de acumulação do capital, toda essa desigualdade foi arquitetada e planejada por e para um determinado grupo, posto que o sistema capitalista se mantém através de bases desiguais de classe. A autora interliga e conecta os atravessamentos sob um recorte de gênero e raça. Essa dualidade de senhor e escrava foi se transformando ao decorrer do tempo e tendo outras nomenclaturas, visando apaziguar – ou até mesmo silenciar o peso que as palavras carregam consigo e quem as disseminava.

As formas de resistência e de combate a essas opressões eram manifestadas de diversas maneiras pelas mulheres negras, sucedendo em revoltas, fugas, tentativas de envenenamento, negação de fazeres, abortos provocados (as mulheres negras usavam gravetos ou ferros para perfurar seus úteros, numa tentativa desesperada de se livrar e livrar

### *Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

seus filhos da violência da escravização) e entre outras múltiplas maneiras de romper a violência imposto aos corpos negros femininos.

Para Audre Lorde (2019)<sup>xiii</sup> é de fundamental importância a raiva da mulher negra, pois é um afeto que produz saberes e práticas de resistências e que ajuda no enfrentamento ao racismo, em que muitas das vezes são mal interpretadas e vistas como agressivas. Essa raiva para a autora é também um combustível para lidar com as circunstâncias e adversidades colocadas em seus caminhos, circunstâncias essas que foram instituídas com um fim comum – a de impor o silenciamento. A raiva das mulheres negras ajuda em não sucumbir diante das violências e, também, de enfrentar as dominações do sistema racista.

### **Considerações Finais**

Este estudo nos revela que há muitos saberes educativos de mulheres negras existentes em nossa história e que foram criminalizados. Saberes que precisam ser lidos, estudados e analisados por outras perspectivas históricas que sejam capazes de fazer emergir a sabedoria educativa ancestral que está atravessada em nossa realidade cotidiana, para além de um conhecimento racista, mas como uma sabedoria carregada de memórias afetivas, políticas e de resistências em defesa da vida. Sabendo do tempo recente de levantamento e apuramento de nossos estudos, partimos da desconstrução e da desmistificação do papel da mulher negra apenas como espectadora, subalterna ou passiva, mas que exercer um lugar importante de contribuição e transformação.

Os saberes ancestrais de mulheres negras renascem a cada dia, em cada movimento de resistência em direção ao enfrentamento às práticas racistas, a morte de corpos negros e a objetificação das mulheres negras. Assim, os saberes ancestrais que se fortalecem de práticas educativas solidárias e comunitárias são necessárias para o fortalecimento das culturas ancestrais do povo negro.

### **Fontes**

**Figura 1 e 2:** NOTÍCIAS, Diário de. **Espancamento**. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&Pesq=%22feiti%20c3%a7aria%22&pagfis=6433>

**Figura 3:** PARÁ, Jornal do. **Ama de Leite**. 1869.

**Figura 4:** NOTÍCIAS, Diário de. **A Cria**. 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pasta=ano%20188&pesq=A%20cria%20a%20linda%20mulatinha,%20a%20cria%20da%20fazenda&pagfis=3248>

## Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 20 p. Disponível em: <https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/ALMEIDA-2019.-O-QUE-%C3%89-RACISMO-ESTRUTURAL.pdf> Acessado em: 15 de maio de 2022.
- ALVES, Laura Maria Silva Araújo. As amas de leite na educação de crianças no século XIX. In: **ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 12.; **ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 2., 26 a 28 set. 2013. Fortaleza (CE). Anais... Fortaleza (CE), 2013. p. 1062-1073.
- AMORAS, Maria; COSTA, Solange Maria Gayoso da; ARAÚJO, Luana Mesquita de. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. **revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 23, p. e202128, 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.
- CASTORIADIS, C. A Criação histórica e a instituição da sociedade. In: **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora; Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CASTRE, Pierre. **Arqueologia da Violência**: pesquisas de antropologia política. Edição de 2004. Cosa & Naify. 56 p. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/403951/CLASTRES%2C+Pierre.+Arqueologia+da+violencia+pesquisas+de+antropologia+politica.pdf> Acessado em: 10 de novembro de 2022
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empedramento. São Paulo: Boitempo, 2019
- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. Editora Elefante, 2019. p.178. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nne8ev8> Acessado em: 15 de junho de 2023
- FREYRE, Gilberto de Melo. **Casa-Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 48ª edição. Global Editora, 2003. p. 366 e 367. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229314/mod\\_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229314/mod_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala.pdf) Acessado em: 20 de maio de 2023
- GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino-Americano**. 1ªed. Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf> Acessado em: 10 de setembro de 2022
- GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. 1º ed. Editora Filhos da África, 2018. p. 110. Disponível em: <https://doceru.com/doc/10ecexv> Acessado em: 22 de set. 2022

*Saberes ancestrais de mulheres negras na segunda metade do século XIX*

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo.** 1º ed. 1991. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014. 54 p. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf> Acesso em: 20 set. 2022

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** Episódios de um Racismo Cotidiano. 1ºed. Cobogó, 2019. 100 p. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.ufrb.edu.br/ppgco/images/MEMORIAS\\_DA\\_PLANTACAO\\_-\\_EPISODIOS\\_DE\\_RAC\\_1\\_GRADA.pdf&ved=2ahUKEwi5tZbT3dn9AhU3JrkGHSWnA6kQFnoEC\\_CMQAQ&usg=AOvVaw2o6qlAm7JKWLzapfZVIXov](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.ufrb.edu.br/ppgco/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf&ved=2ahUKEwi5tZbT3dn9AhU3JrkGHSWnA6kQFnoEC_CMQAQ&usg=AOvVaw2o6qlAm7JKWLzapfZVIXov) Acesso em: 30 nov. 2022

LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** 1º ed. Autêntica Editora, 2019. 167 e 168 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/eex5xve> Acessado em: 15 março de 2023

MARTINIC, Sergio. Saber popular y identidad. In: GADOTTI, Moacyr; TORRES, Carlos Alberto (Orgs). **Educação Popular:** utopia latino-americana. São Paulo: Cortez: Edusp, 1994.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** Relações raciais, quilombos e movimentos. Zahar, 2021. 43 e 45 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nxx1s5xx> Acessado em: 20 janeiro de 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade:** Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. EDYSSEUS, 2003. p. 23 e 24. Disponível em: <https://doceru.com/doc/1e80vc> Acessado em: 10 de fevereiro de 2023

## Notas

---

<sup>i</sup> Segundo Lélia Gonzalez a *amefrikana* é um conceito construído para representar a vida imbricada das mulheres negras afro-brasileiras-latinas (2018).

<sup>ii</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

<sup>iii</sup> KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** Episódios de um Racismo Cotidiano.

<sup>iv</sup> GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** 1º ed. Editora Filhos da África, 2018.

<sup>v</sup> HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo.** 1º ed. 1991. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

<sup>vi</sup> Laudelina nasceu em 1904 e foi uma grande protagonista na luta pelos direitos das empregadas domésticas e do movimento negro.

<sup>vii</sup> FREYRE, Gilberto de Melo. **Casa-Grande & Senzala:** Formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 48ª edição. Global Editora, 2003. Sua obra foi escrita em 1933.

<sup>viii</sup> SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade:** Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. EDYSSEUS, 2003. p. 23 e 24.

<sup>ix</sup> Frisamos aqui que esse deslocamento entre as casas brancas era comum e lucrativo, pois muitas mulheres brancas não queriam amamentar seus filhos e esse papel cabia as mulheres negras, que era comercializada por seus senhores. Assim, muitas amas de leite chegavam a amamentar várias crianças brancas por dia.

<sup>x</sup> GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino-Americano.** 1ºed. Zahar, 2020.

---

<sup>xi</sup> AMORAS, Maria; COSTA, Solange Maria Gayoso da; ARAÚJO, Luana Mesquita de. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. *revista brasileira de estudos urbanos e regionais*, v. 23, p. e202128, 2022.

<sup>xii</sup> FEDERICI, Silvia. *O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Editora Elefante, 2019. p.178

<sup>xiii</sup> LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. 1º ed. Autêntica Editora, 2019. 167 e 168 p

## **Sobre as autoras**

### **Adriane Santana Lima**

Professora adjunta do Instituto de ciências da educação, na Universidade Federal do Pará, coordenadora do Grupo e Pesquisa em Educação, gênero, Feminismos e Interseccionalidade (Gepegefi-UFPA). Atua como educadora popular feminista no conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe. [adrianelima@ufpa.br](mailto:adrianelima@ufpa.br)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4102-9104>

### **Debora Teixeira**

Graduanda do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará, bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-UFPA), integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, gênero, Feminismos e Interseccionalidade (Gepegefi-UFPA)  
[Deborateixeira999@gmail.com](mailto:Deborateixeira999@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8626-2987>

Recebido em: 17/10/2023

Aceito para publicação em: 18/09/2024